

PRONUNCIAMENTO DO REITOR MOR NA CONCLUSÃO DO ENCONTRO

Após **três dias e meio de intenso trabalho**, que afinal serão quatro, sinto o dever de parabenizá-los. Em primeiro lugar pela vossa presença e ativa participação. E também pelo espírito com o qual trabalharam. Um espírito caracterizado pelo interesse, pela sinceridade no confrontar-se, pelo grande desejo de chegar às conclusões operacionais e eficazes. Os meus parabéns são dirigidos principalmente a quem organizou este encontro e àqueles que nele colaboraram.

Acrescento algumas **palavras de síntese, esclarecimento e orientação**. Não vou retomar assuntos específicos, mas ressalto aquilo que mais fortemente repercutiu em mim no decorrer das discussões.

Uma primeira palavra diz respeito ao **valor especial desta reunião**. Está em linha com a de Brasília, mas não para aí. Entre as duas aconteceram fatos importantes: o Capítulo Geral 24º e a *Programação do Reitor Mor e do seu Conselho para o sexênio 1996 - 2002*, uma programação que prioriza alguns aspectos para todas as instituições da Congregação. Estes aspectos não são meros detalhes na realização. São orientações e critérios para a significatividade e a qualidade das nossas presenças. O tempo e a circunstância tornam, assim, particularmente válida esta reunião.

A assembléia tem o seu valor original, também, pela sua composição: de fato, junto com os que, neste momento, estão empenhados nas universidades, temos a presença, muito representativa, de Inspectores e de vários membros do Conselho Geral entre os quais os regionais que têm uma visão de como, em cada região, as nossas presenças se articulam para a realização da missão. Este fato descortina o panorama de cada instituição universitária e, do conjunto delas para o horizonte mais amplo da Congregação no contexto da nova evangelização e das atuais exigências da educação.

Mas, além da composição, um dos méritos desta assembléia é o compromisso tomado de **construir, em conjunto, um Programa**. É um Programa **completo**: nele são levados em consideração, ao mesmo tempo, todos os pontos considerados importantes para o bom funcionamento dos Institutos Universitários. É um Programa **orgânico**: os diferentes aspectos não se sobrepõem, mas, coligados de acordo com a hierarquia e a correlação que existe entre eles. Esta coligação aponta como entendemos as prioridades, as coordenações, a influência que cada parte exerce sobre as demais. Trata-se de um quadro de referência. Este quadro não foi construído, apenas, completo e orgânico: chegou-se a uma leitura ou **interpretação unívoca** do mesmo: vocês procuraram e alcançaram a convergência sobre detalhes e não ficaram apenas nas intenções gerais.

Enunciar princípios gerais é relativamente fácil. Em inglês existe o provérbio "O diabo está nos detalhes": estaria de acordo com Deus até nos princípios gerais da criação; mas, na hora de determinar como governar o mundo, é que surgem as diferenças. Vocês não ficaram satisfeitos com as propostas genéricas, mas resolveram alcançar uma convergência de mentalidades a respeito de explicitações que, nesta última fase, chegou a entendimentos operacionais em relação aos passos a seguir. Por este motivo tiveram que esclarecer termos como autonomia, pastoral, caráter salesiano e outros; tiveram que verificar qual o sentido atribuído a estes termos para conferir se correspondiam ao que os vossos interlocutores entendiam e, se eram adequados para governar a realidade.

Esta reunião, continuação da anterior, obrigou, então, a **aprofundar** tanto os conceitos e quanto à praxe. Ainda não temos esgotado a reflexão nem finalizado os necessários esclarecimentos. Sabem

que os problemas de âmbito cultural de que tratamos, voltam continuamente por causa dos novos interrogativos teóricos em vista de novos acontecimentos. O que agora aprofundaram, dentro das possibilidades que o momento presente consentia, terá que ser retomado para retirar novos significados e aplicações.

Após falar da nossa assembléia, acrescento uma palavra de **agradecimento** àqueles que fizeram nascer a realidade universitária que temos hoje. Falo agora para aqueles que estão empenhados na gestão universitária e trabalham para fazê-la crescer, para vocês que estão me ouvindo, relendo a história dessas instituições, percebo que são fruto de uma comunhão de esforços, desenvolvidos em tempos diferentes e por pessoas diferentes. Algumas universidades nasceram de um instituto técnico ou de um colégio de bom nível. Isso significa que todos aqueles que contribuíram na criação da escola e elevaram o nível do colégio, lançaram as bases da atual universidade. Outros institutos universitários foram preparados através de um longo caminho de reflexão, no qual não estiveram nem ausentes e nem agentes secundários os que exerciam a autoridade. Basta lembrar aqueles que criaram a nossa Pontifícia Universidade Salesiana. Percebe-se claramente o papel exercido por Dom Ricaldone e o Conselho Geral.

A Congregação, portanto, não é um sujeito abstrato, que vem depois, após a universidade. Mas é aquela que iniciou, que acolheu a idéia da universidade, que demonstrou a vontade de fundar e criou as condições. Os institutos universitários se situam, assim, dentro da missão salesiana como um instrumento, meio ou serviço específico, junto aos outros, que numa determinada localidade ou no mundo, cumprem a missão. Ligados aos outros, não separados; nem superiores nem inferiores aos outros em significatividade salesiana ou no que diz respeito às exigências de comunhão. E se é verdade que devemos levar em consideração as leis do Estado e da Igreja, é verdade também que nesta comunhão salesiana não podem ficar ignoradas as nossas **Constituições**: o seu espírito e as normas que as mesmas estabelecem para todas as obras salesianas.

A participação das universidades na missão salesiana já é declarada com autoridade nas Constituições: lá onde fala-se das finalidades, dos destinatários, dos conteúdos, do espírito, do sujeito da missão e da possibilidade de servir-se dos caminhos que se julgarem convenientes para cumprir tal missão. Quem foi encarregado de fazer o discernimento, no momento da criação da universidade, deve ter percebido isso. Não existe a necessidade de acrescentar nada no texto constitucional ou de novas declarações. Dizem que o cristianismo não é a religião do livro mas da comunidade viva que se serve do livro para interpretar a vida. Então não é necessário que esteja tudo explicado no livro; existe todo o patrimônio comunitário que completa o livro. E também de nós salesianos pode-se dizer: não é a congregação do livro mas da **comunidade viva, organizada**, com os seus papéis de mediação, que, servindo-se do livro e da tradição, interpreta o momento presente e age na forma mais adequada para a missão.

Nesta perspectiva de comunhão orgânica entre a universidade e outras obras que realizam a missão – que é mais ampla e completa que a universidade - a nossa comunicação convosco - entendendo a comunicação do Conselho geral ou dos inspetores – se estabelece em duas dimensões que permanecem sempre juntas e complementares. De um lado colhe-se a realidade já existente. De outro lado, o Reitor Mor e seu Conselho, ou, conforme o caso, os inspetores, sentem o dever de propor metas e condições, que têm origem no momento particular que vive a congregação, para a realização da própria missão. Isso acontece com todas as iniciativas em todas as organizações, e com todas as pessoas da congregação. Recentemente nós temos convocado alguns inspetores. Os ouvimos sobre o andamento de suas inspetorias, o que podem fazer, o que não podem fazer; mas também apontamos metas, rumos, intenções e modos de agir. E sempre supomos de sermos suficientemente inteligentes, tanto eles quanto nós, para ficarmos cada um no próprio nível, uns nos

fins particulares, outros nos fins gerais. E a reflexão sai, então, completa, iluminada por duas perspectivas diferentes.

A hora em que vivemos é sinalizada pelo *Capítulo Geral 24.mo* que não falou principalmente aos leigos mas aos salesianos para pedir-lhes de capacitar-se em aceitar a colaboração laical, formar os leigos, ser o núcleo animador junto a eles. Falando aos salesianos não deixou de lado os leigos. Aliás, fez deles o tema da mensagem que aponta para a formação da mentalidade e da capacidade animadora dos salesianos.

Mas, além do Capítulo Geral 24.mo eu disse que esta hora é sinalizada pela *Programação do Reitor Mor e do seu Conselho* que indicou onde concentrar os esforços da significatividade, da qualidade e da formação do pessoal. Temos que reiterar que a extensão da tarefa universitária não é a nossa principal preocupação neste momento, mesmo se não estamos fechados para ela. A preocupação principal é, exatamente, **a qualidade ou a excelência**, como queira-se dizer, de cada uma das instituições.

Neste contexto, e tendo em vista o que já foi realizado em Brasília, acreditamos ser interessante para o vosso bem e da congregação, instituir um **serviço temporâneo de comunicação e de coordenação** para ajudar a pensar o conjunto dos empenhos universitários, esclarecer a identidade salesiana das universidades, traçar um caminho possível na direção de uma melhor qualidade científica, formativa, pastoral e de orientação cristã, favorecer a integração ótima da universidade na missão salesiana.

Convém notar que o fato de enunciar um **programa ótimo para o futuro** não significa uma conotação negativa do vosso presente ou passado. Diz apenas que, chegados no ponto em que estamos, podemos, e é conveniente que o façamos, nos propor ainda uma meta ulterior. Não existe uma universidade, hoje, que se acomode no nível alcançado e não julgue necessário confrontar-se com novas exigências de qualidade. Todas tendem à excelência. Por isso não deve soar como crítica o apelo a progredir.. É, antes, aproveitar do presente para caminhar rumo a um futuro melhor.

É necessário realçar o **sentido do termo salesianidade**: não é o acréscimo de pequenas recomendações ou celebrações a uma estrutura ou programa que se inspirem em qualquer fonte ou modelo; mas um aspecto global que interage com os demais e dá ao conjunto uma forma e uma finalidade típica. Investe a totalidade. Não é setorial. É co-extensiva do todo. A universidade é salesiana. O que garante a salesianidade é a comunidade organizada, com todas as suas componentes; mas, de modo especial, tem a responsabilidade, aqueles que, pela própria comunidade, foram delegados para exercer o discernimento.

Da mesma forma é preciso esclarecer o **significado de pastoral**. E, conseqüentemente, a competência dos papéis pastorais. Como foi mencionado. o Capítulo Geral 21.mo afirma que a nossa ação pastoral compreende o horizonte humanístico e a intenção, a finalidade da evangelização, fundidos de modo que não existe um sem o outro. Um carrega o outro no seu bojo, justamente pela forte integração de dimensões que caracteriza cada iniciativa salesiana. Precisa distinguir entre *serviços religiosos ao universitário* – isso é : oferecer-lhe conhecimentos religiosos, preparar eucaristias, proporcionar direção espiritual personalizada, - e *pastoral da universidade* que compreende toda a universidade: a sua comunidade acadêmica, o seu programa cultural, a sua organização, o seu tipo de relacionamento interno e com o contexto, tudo orientado para a formação completa, entendida de forma cristã pelos universitários, jovens e adultos, e a fermentação evangélica da sociedade.

Com tudo o que foi discutido até agora, deve-se associar um tema que aflorou repetidamente: a **autonomia**. Vocês sabem que a autonomia da universidade refere-se, em primeiro lugar, à pesquisa, o seu campo, o método e as conclusões. É a autonomia científica: certamente não serão impostas balizas para orientar a direção do pensamento ou as conclusões, além daquelas que cada universidade se impõe em virtude da sua identidade e finalidade. E existe, também, a autonomia acadêmica, que diz respeito à docência e à organização interna.

A integração da universidade em âmbito mais amplo - o Estado, a Igreja, a Congregação - é regulada pelos ordenamentos destes organismos e das respectivas autoridades, em conformidade com os seus fins e à posição que os mesmos atribuem às universidades dentro de suas finalidades. De fato são eles que criam e sustentam as universidades. Neste sentido, vocês gozam de autonomia quanto à pesquisa, à organização acadêmica em conformidade com as vossas finalidades. Mas é evidente que a inspetoria e a Congregação intervêm com autoridade, através de um confronto esclarecedor, quanto à identidade, à missão e tudo o que se refere à titularidade salesiana: as dimensões que uma universidade pode assumir, a qualidade, os investimentos, a orientação e outros aspectos correlacionados.

Quero sublinhar, também, a **vossa participação** no processo que temos delineado nestes dias. Nós apontamos apenas passos, direções, meios. Podem-se comparar a recipientes vazios. Vocês têm a tarefa de enchê-los de conteúdos explícitos. Falamos que deve-se elaborar um documento; não temos explicitado aquilo que terá que conter o documento. O conteúdo esperado é, justamente, a vossa experiência, a que já expressaram, e a que, ainda, resta expressar.

É conveniente que não somente cada instituto universitário conheça a própria realidade, elabore a própria plataforma e se coligue com as congêneres, mas que o Reitor Mor e o conselho, ou na inspetoria, o inspetor e seu conselho, participem desta caminhada de acordo com o próprio papel para fazer **síntese carismática** da totalidade da experiência. Quem elabora a síntese total da maneira com a qual se realiza a missão? Quem recolhe a experiência universitária para criar um patrimônio de praxe unificado, e, principalmente, para integrar - e isso diz respeito à dimensão e à qualidade - estas instituições no conjunto da missão, assim como esta se apresenta num determinado momento e lugar?

Neste sentido o processo que estamos descrevendo e que preparamos para realizar, quer criar as condições para lançar aquela **associação entre as universidades** que, caso se revele útil, poderia ser instituída também em prazo menor. Eu, porém, vos digo que existem mais comissões que pessoas para trabalhar nelas; que alguns, sem querer, acumulam cargos mas não conseguem cumprir com as obrigações, salvo alguma viagem e presença ocasional. São conselheiros mas não trabalhadores. Vocês sabem que conselheiro é aquela pessoa, considerada esperta, que apresenta-se com o dossiê a uma reunião, dá o seu parecer, certamente de peso e precioso, e depois volta para casa. Quem executa o trabalho depois? Devemos servir-nos de outras pessoas, leigas ou religiosas? Devemos acumular tarefas sobre aqueles que deveriam estar no próprio instituto o tempo todo para garantir o funcionamento, a formação e a excelência? Isso tem que ser pensado em termos concretos.

Preparar as condições significa não somente esclarecer os requisitos jurídicos, mas também iniciar a prática: provar que a nossa capacidade de comunicar-nos com eficácia, por exemplo, ou a nossa capacidade de encontrar recursos econômicos sem afastar a nossa atenção e tempo da qualidade. Devemos situar esta associação perto de todas as outras que existem em âmbito salesiano. Estamos implementando, com auxílio de técnicos, uma revisão das estruturas e das organizações salesianas para evitar duplicações, sobreposições, desligamentos, setorialismos. Quando vocês falaram de uma certa representatividade perante organismos internacionais, por exemplo, a União Européia, pensei



logo naquelas representações que já existem para as iniciativas culturais da Congregação. Então me pergunto se a vossa não poderia se integrar nelas ou se é necessário criar mais uma representação.

Estamos nos encaminhando na organização das IUS. Mas, ao mesmo tempo, queremos preparar as condições de colaboração de modo que resulte mais eficiente. Entre vocês deve existir e desenvolver-se uma capacidade de *comunicação intensa*. Existem *realizações comuns* a serem experimentadas. Tem um esforço de *orientação cultural mais sustentado*, sem negar quanto de positivo se fez até agora. Existem novos percursos de formação para leigos a serem trilhados. Existem, como foi falado, também alguns *campos de pesquisa* a serem explorados. Enquanto esta associação das universidades se põe em movimento – elaboração do estatuto, definição de funções e competências, possíveis formas de organização – e é investida de responsabilidade -, o *serviço temporâneo criado pelo Reitor Mor terá a tarefa de realizar o que ficou determinado nesta assembléia*. Na medida em que aparecerem outros organismos capazes de dividir a gestão deste programa, ou de assumi-lo completamente, será estudado o encerramento deste serviço.

Termino assegurando-vos, mais uma vez, que apreciamos o trabalho que estão realizando; que no programa de qualificação cultural da Congregação temos pensado nas universidades come ponta - ponta quer dizer algo que abre caminhos e orienta – mais por causa da **exemplaridade** que pelo influxo direto sobre outras obras: pela exemplaridade de empenho cultural, antes que por intervenções de animação, embora se estes não devam ser excluídos. Exatamente por este significado dentro de um movimento geral da Congregação, queremos que as universidades dêem o máximo das próprias possibilidades.

Obrigado.

Juan E. VECCHI

Roma, 13 julho 1998